

## Na batida da corda, afetos e desejos: grupos de pessoas que vivem com HIV/aids no WhatsApp e a produção de socialidades

At the rhythm of the skipping rope, affections and desires: groups of people living with HIV/AIDS on WhatsApp and the production of socialities

En el ritmo de saltar la cuerda, afectos y deseos: grupos de personas que viven con VIH/SIDA en WhatsApp y la producción de sociabilidades

Denis Marcel Cavalheiro<sup>1,a</sup>

[denis.cavalheiro@usp.br](mailto:denis.cavalheiro@usp.br) | <https://orcid.org/0000-0002-7880-9956>

Thais Raquel Pires Tavares<sup>2,b</sup>

[thaispires@usp.br](mailto:thaispires@usp.br) | <https://orcid.org/0000-0001-6968-4939>

Francisco Gleidson Vieira dos Santos<sup>3,4,c</sup>

[fgleidson.vieira@gmail.com](mailto:fgleidson.vieira@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0001-5816-767X>

Lucas Pereira de Melo<sup>2,d</sup>

[lpmelo@usp.br](mailto:lpmelo@usp.br) | <https://orcid.org/0000-0001-8392-1398>

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, SP, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, SP, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife, PE, Brasil.

<sup>4</sup> Governo do Ceará, Secretaria de Educação, Coordenadoria Estadual de Formação Docente e Educação a Distância. Sobral, CE, Brasil.

<sup>a</sup> Graduação em Fisioterapia pela Universidade de São Paulo.

<sup>b</sup> Mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>c</sup> Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>d</sup> Doutorado em Enfermagem pela Universidade de São Paulo.

### RESUMO

Neste artigo são delineadas reflexões teórico-etnográficas a partir de pesquisa de campo realizada em três grupos do WhatsApp formados por pessoas que vivem com HIV/aids (PVHA). Tem como objetivo compreender as experiências afetivo-sexuais dessas pessoas, construídas por meio de diálogos, interações e socialidades vividas nesses grupos pesquisados. A partir da descrição das socialidades nos grupos e dos modos como, por meio da *biscoitagem*, as pessoas fazem circular afetos e desejos sem, necessariamente, constituírem relacionamentos afetivo-sexuais, argumenta-se que, em suas interações sociais, os interlocutores conectavam pessoas, artefatos sociotécnicos, lugares, situações, emoções, relações, projetos de vida etc., de tal maneira que produziam mais que simplesmente apoio, suporte, ajuda ou comunicação sobre o HIV, visto que teciam seus próprios mundos sociais. Estes achados ganham relevância especial ao se considerar a experiência de PVHA que mantêm algum grau de segredo sobre sua sorologia positiva para o HIV.

**Palavras-chave:** HIV; Etnografia; Redes sociais online; Socialidade; Emoções.

## ABSTRACT

This article outlines theoretical-ethnographic reflection based on a field research about three WhatsApp groups formed by people living with HIV/AIDS (PLWHA). It aims to understand the affective-sexual experiences of these people constructed through dialogues, interactions and socialities on these WhatsApp groups. From the description of sociality in these groups and the ways in which, through *biscoitagem*, people circulated affections and desires without necessarily constituting affective-sexual relationships, it is argued that, in their social interactions, the interlocutors connected people, socio-technical artefacts, places, situations, emotions, relationships, life projects etc., in a way that produced more than support, mutual help or communication about HIV, insofar as they were weaving their own social worlds. These findings gain special relevance when we consider the experience of the PLWHA who maintain some degree of secrecy about their positive HIV serology.

**Keywords:** HIV; Ethnography; Online social networking; Sociality; Emotions.

## RESUMEN

Este artículo esboza reflexiones teórico-etnográficas a partir de una investigación de campo en tres grupos en WhatsApp formados por personas viviendo con VIH/SIDA (PVVS). El objetivo es comprender las experiencias afectivo-sexuales de estas personas construidas a través de diálogos, interacciones y socialidades vividas en estos grupos. A partir de la descripción de la sociabilidad en los grupos investigados y de las formas en que, a través de la *biscoitagem*, las personas circulaban afectos y deseos sin constituir necesariamente relaciones afectivo-sexuales, se argumenta que, en sus interacciones sociales, los interlocutores conectaron personas, artefactos sociotécnicos, lugares, situaciones, emociones, relaciones, proyectos de vida etc., de manera que produjeron más que solamente apoyo, soporte, ayuda o comunicación sobre VIH, ya que tejían sus propios mundos sociales. Estos hallazgos adquieren especial relevancia cuando se considera la experiencia de las PVVS que mantienen cierto grado de secreto sobre su serología positiva para el VIH.

**Palabras clave:** VIH; Etnografía; Redes sociales *on line*; Sociabilidad; Emociones.

---

## INFORMAÇÕES DO ARTIGO

### Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Denis Marcel Cavalheiro, Lucas Pereira de Melo.

Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Denis Marcel Cavalheiro, Thais Raquel Pires Tavares, Francisco Gleidson Vieira dos Santos, Lucas Pereira de Melo.

Redação do manuscrito: Denis Marcel Cavalheiro, Thais Raquel Pires Tavares, Francisco Gleidson Vieira dos Santos, Lucas Pereira de Melo.

Revisão crítica do conteúdo intelectual: Denis Marcel Cavalheiro, Thais Raquel Pires Tavares, Francisco Gleidson Vieira dos Santos, Lucas Pereira de Melo.

**Declaração de conflito de interesses:** não há.

**Fontes de financiamento:** Programa Unificado de Bolsas - Universidade de São Paulo.

**Considerações éticas:** Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa conforme Resolução nº 510/2016, parecer nº 4.027.596/2020.

**Agradecimentos/Contribuições adicionais:** não há.

**Histórico do artigo:** submetido: 27 dez. 2022 | aceito: 25 abr. 2022 | publicado: 30 set. 2022.

**Apresentação anterior:** não há.

**Licença CC BY-NC atribuição não comercial.** Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

## INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980, a doença causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), conhecida Síndrome da imunodeficiência adquirida (aids) tem se configurado como um problema de saúde pública global. Trata-se de uma pandemia sustentada nas quatro últimas décadas, perfazendo, até o fim de 2020, um total de 37,7 milhões de pessoas vivendo com HIV em todo o mundo (UNAIDS, 2021). No cenário brasileiro, em 2019, houve um total de 41.919 novos casos de infecção pelo HIV e 37.308 casos de aids. O país apresenta uma taxa de detecção de 17,8/100 mil habitantes, totalizando, no período de 1980 a junho de 2020, 1.011.617 casos de aids. Ressalta-se que esse cenário é variável entre as regiões brasileiras: a maioria dos casos de infecção pelo HIV notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) de 2007 a junho de 2020, correspondem à região Sudeste (44,4%), seguidos pela região Sul (20,0%), Nordeste (19,0%), Norte (9,0%) e Centro-Oeste (7,6%) (BRASIL, 2021).

Devido aos avanços biotecnológicos e nas políticas públicas, a infecção pelo HIV se configura atualmente como uma condição sem cura, mas com tratamento, o que a inseriu no rol dos adoecimentos crônicos. No Brasil, o aprimoramento da terapia antirretroviral (Tarv) e a garantia do acesso universal aos medicamentos por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) fez da aids uma doença controlável graças ao impedimento, resultante do esquema medicamentoso, da replicação viral no organismo da pessoa. Assim, pessoas vivendo com HIV/aids (PVHA) têm suas cargas virais reduzidas a níveis indetectáveis nos testes laboratoriais, o que garante que sejam imunocompetentes novamente e impossibilita que o vírus seja transmitido, desde que se mantenha uma adesão satisfatória à Tarv (QUINN, 2021). Nesse contexto, houve um deslocamento da aids como doença fatal, representação que marcou os anos iniciais da epidemia, para uma condição crônica (CUNHA, 2012).

A cronificação da infecção pelo HIV representa a possibilidade de melhores condições de vida em termos biomédicos e psicossociais. Apesar disso, estudos têm evidenciado que tal cronificação é tributária não de mudanças na fisiopatologia da infecção, mas da existência de acesso às políticas públicas e a sistemas de saúde universais (como o SUS), de maneira que as PVHA possam ter garantido o direito à saúde e à vida (KENWORTHY; THOMANN; PARKER, 2017; MELO, CORTEZ, SANTOS, 2020; SANGARAMOORTHY, 2018). Além disso, com a adesão à Tarv, a possibilidade de viver com HIV/aids como uma condição crônica permitiu que o corpo já não apresentasse os sinais e sintomas de aids e, com isso, o segredo sobre a sorologia se fez ainda mais possível, tornando-se uma estratégia central na evitação de situações estigmatizantes.

Viver com HIV/aids em segredo demanda novas estratégias de produção de socialidades entre as pessoas acometidas. Concernente ao conceito de socialidade, vale mencionar que ele é caro ao que nos interessa, no sentido de não pensar o indivíduo e a sociedade como pares opostos. Nesse sentido, a partir das relações estabelecidas pelos sujeitos em um contexto específico, nesse caso o status sorológico e a interação em um ambiente virtual, criam-se, produzem-se novas formas de socialidades, distanciando-se, dessa forma, de um modelo de sociabilidade, ou seja, de uma espécie de roteiro já existente. Tal perspectiva parte das ideias da antropóloga Marilyn Strathern (2006; STRATHERN *et al.*, 1996), para quem, a partir das suas pesquisas, o conceito de socialidade se impõe ao de sociedade, permitindo pensar a construção das pessoas como um criar-se e recriar-se constantemente, forjadas no âmbito das relações.

Assim como Valle (2008) descreveu o “mundo social da aids” (p. 652) a partir de sua etnografia no Grupo Pela Vidua (Rio de Janeiro) composto pelos grandes eventos do movimento social de aids, hospitais, postos de saúde, laboratórios, encontros, festas, viagens, práticas ativistas e tantos outros espaços os quais eram entendidos apenas a partir de seus fins instrumentais em geral dominados pela clínica, é possível considerar as transformações cotidianamente engendradas nesse “mundo social da aids” numa figuração histórica cada vez mais digital. De modo que os usos das redes e mídias sociais na internet por PVHA que, em sua

maioria, vivem com a sorologia em segredo como estratégia e espaços para encontros, compartilhamentos de experiências e saberes e se forja enfrentamentos contra os processos de estigmatização podem ser rentáveis para compreender a socialidade que aí se produz e desenvolve.

Destarte, nesta pesquisa, tomou-se o segredo em torno do status sorológico e o uso de redes e mídias sociais na internet como um dos efeitos da cronificação da infecção. A literatura sobre essa utilização de redes e mídias sociais por PVHA inclui estudos desenvolvidos no Orkut, Bate-papo UOL, Facebook, blogues, WhatsApp, aplicativos de paquera georreferenciados e outros (BORGES; SILVA; MELO, 2017; DAMASCENO *et al.*, 2019; GARBIN; GUILAM; PEREIRA NETO, 2012; MLILO *et al.*, 2020; QUEIROZ *et al.*, 2018; RIER, 2007; SILVA; DUARTE; ALVES NETTO, 2017).

No que tange às investigações feitas no WhatsApp<sup>1</sup>, foco deste artigo, a revisão de literatura conduzida por Taggart *et al.* (2015) evidenciou que esta rede social é comumente empregada como estratégia para comunicação em saúde sobre HIV/aids. Nas publicações revisadas pelos autores, o WhatsApp foi entendido como recurso potencial para a efetivação de estratégias de tratamento e prevenção, bem como para a difusão de informações relativas à saúde, principalmente entre pessoas com idades entre 18 e 40 anos. O compartilhamento de experiências e a troca de apoio social também foi apontado como uma das potencialidades do uso dessa rede social em relação ao HIV/aids (TAGGART *et al.*, 2015). Observa-se, no entanto, uma lacuna quanto à compreensão do tipo de socialidade que se produz, por exemplo, em grupos no WhatsApp que reúnem exclusivamente PVHA.

Assim, considerou-se os grupos no WhatsApp não apenas como uma rede social para disseminação de mensagens individuais, mas, nomeadamente, como espaços de encontros e de socialidades nos quais as PVHA podem produzir relações de amizade, assim como relações afetivo-sexuais, e onde a sorologia positiva para o HIV não se coloca, necessariamente, como um obstáculo. Embora o WhatsApp seja a rede social mais utilizada no Brasil e no mundo (PAIVA, 2021), a análise em torno da socialidade e do estabelecimento de relações afetivo-sexuais entre PVHA participantes de grupos nesse aplicativo ainda é incipiente na literatura científica. Desta maneira, o objetivo deste artigo é compreender as experiências de PVHA membros de grupos no WhatsApp na construção de parcerias afetivo-sexuais. Busca-se agregar à literatura uma discussão sobre como se dão esses agenciamentos em um contexto digital no qual todos os presentes são PVHA e se colocam como disponíveis (embora em graus variados) para a construção de novas parcerias afetivo-sexuais.

## METODOLOGIA

O referencial teórico-metodológico utilizado foi a etnografia digital (HINE, 2020), uma vez que foi realizada em ambientes digitais que se destacam por permitir várias formas mediadas de experiência. Tendo em vista que o campo, em antropologia, se define mais pelas relações que ali se estabelecem do que pela sua dimensão física ou material (LEITÃO; GOMES, 2011), os grupos de WhatsApp se colocaram como espaços propícios à condução dessa etnografia, na medida em que permitiram “seguir conexões, ao invés de focar em um lugar específico” (HINE, 2020, p. 7). Nesse movimento, cuidou-se de se distanciar de concepções como a chamada netnografia que, conforme criticam Máximo *et al.* (2012), tende a simplificar a complexidade do empreendimento etnográfico na medida em que o desenvolve de modo instrumental, o que reduz a etnografia a uma técnica de pesquisa na internet e à mera experiência de estar online (MILLER; SLATER, 2004), de forma que esvazia sua dimensão existencial garantida pelas incursões em campo e pelos afetos (e afetações) produzidos nas relações com interlocutores de ‘carne e osso’. Além disso, trabalhou-

1 O WhatsApp é um dos mais populares aplicativos de troca de mensagens online que oferece suporte ao envio e recebimento de arquivos de mídia: fotos, vídeos, documentos, compartilhamento de localização e também textos e chamadas de voz e vídeo, permitindo que as pessoas se comuniquem em qualquer lugar do mundo de forma gratuita e em tempo real.

se com a literatura sobre HIV/aids produzida nos campos das ciências sociais e da saúde coletiva, o que constituiu o referencial teórico da investigação.

A pesquisa de campo ocorreu entre maio de 2020 e agosto de 2021 e foi conduzida pelo primeiro autor mencionado neste artigo em três grupos no WhatsApp que reuniam PVHA de diferentes regiões do Brasil com o objetivo de construir relações afetivo-sexuais, evitando-se, assim, possíveis dificuldades ou situações de preconceito, estigma e discriminação ao tentarem se relacionar com pessoas soronegativas para o HIV. O pesquisador conheceu o primeiro grupo, Família<sup>2</sup>, por meio de divulgação de um convite compartilhado em um grupo fechado para PVHA e pessoas que convivem com HIV/aids no Facebook, no qual um dos pesquisadores desenvolvia uma etnografia. Foi solicitada aos administradores dos três grupos no WhatsApp autorização para condução da pesquisa e, após obter anuência e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da universidade, seus membros foram informados sobre a pesquisa, os objetivos e os procedimentos éticos e metodológicos.

Em maio de 2020, o grupo Família era composto por 37 pessoas, em sua maioria jovens adultos de ambos os gêneros. Em agosto daquele ano, Leonardo, um dos membros do grupo Família, entrou em contato com o pesquisador no *chat* privado (conta pessoal no WhatsApp) e o convidou para um novo grupo, administrado por ele próprio. Este segundo grupo se chamava Clube e era composto apenas por homens gays soropositivos, totalizando um pouco mais de 200 integrantes. Os membros do grupo *Clube* também eram jovens adultos e uns poucos tinham mais idade. Naquele mesmo mês, Margarete<sup>3</sup> também fez o convite no *chat* do grupo Família para um outro grupo composto exclusivamente por soropositivos heterossexuais, o Renascer. Antes de participar do grupo Renascer, era necessário que o aspirante a integrante se apresentasse aos seus administradores, uma espécie de comitê avaliador que prezava pela □ ordem □ no grupo. Esta seria uma forma de evitar que entrassem pessoas que não estivessem de acordo com o perfil esperado dos participantes. A entrada no Renascer só aconteceu, portanto, após todos os membros estarem cientes da intenção de se realizar uma pesquisa ali. Esse grupo era composto por 73 pessoas, entre as quais homens e mulheres heterossexuais, adultos jovens e de meia-idade.

Na convivência com os interlocutores, a qual se dava de maneira exclusivamente digital, foi possível observar as particularidades de cada grupo, a forma como as pessoas se relacionavam entre si e também estabelecer contatos com alguns de seus membros através dos *chats* dos grupos ou privados na mesma rede social. O uso de *chat* privado ocorria, geralmente, quando o assunto iniciado no grupo encaminhava a conversa para um diálogo mais particular. As observações das situações cotidianas entre os membros do grupo eram feitas através de um aparelho celular *smartphone*, em momentos variados do dia e das semanas, e se deram com a utilização de duas técnicas: observação participante, o que incluía a observação dos diálogos e interação com os interlocutores, e a observação silenciosa, ou seja, a observação dos diálogos, mas sem a interação com as pessoas. A utilização de uma ou outra técnica se dava de acordo com cada ocasião e, após cada incursão em campo, os registros eram salvos em documentos de texto e imagens capturadas por *prints* das conversas. As experiências e impressões do pesquisador foram registradas em diário de campo.

Após 12 meses de pesquisa de campo, observando e participando das socialidades e particularidades que aconteciam nos grupos de WhatsApp, o pesquisador passou a convidar alguns interlocutores para a realização de entrevistas individuais que objetivavam aprofundar suas histórias e vivências acerca de relacionamentos afetivo-sexuais e a compreensão de como essas questões eram moduladas pela soropositividade. O convite para as entrevistas foi feito nos *chats* dos grupos e/ou diretamente no *chat*

2 Por questões deontológicas os nomes dos grupos e dos interlocutores foram trocados por nomes fictícios, escolhidos pelos pesquisadores.

3 A pedido da interlocutora não utilizamos pseudônimo para identificá-la.

privado da pessoa convidada, caracterizando uma amostra não probabilística e por conveniência. Como critérios de inclusão, os interlocutores deveriam ser PVHA membros dos grupos no WhatsApp; ter idade igual ou superior a 18 anos; de qualquer gênero; e que aceitassem participar voluntariamente da pesquisa por meio da concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado online. Não foram incluídas as pessoas que se recusaram a participar e que desistiram por vontade própria no decorrer da pesquisa. As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas apenas pelo primeiro autor aqui mencionado e foram realizadas por meio de ligação de voz ou de vídeo, utilizando o próprio aplicativo do WhatsApp, conforme a disponibilidade dos interlocutores.

Ao todo, participaram das entrevistas sete pessoas, provenientes de dois grupos estudados, pois nenhum dos integrantes do grupo Família aceitou ser entrevistado. A maioria dos participantes era constituída por homens cisgêneros (cinco), com idades entre 26 e 45 anos (seis), autodeclarados brancos (cinco) e com ensino médio completo (quatro). Quatro interlocutores eram solteiros, uma era divorciada e dois estavam em um relacionamento sério no momento da entrevista. Quanto às orientações sexuais, quatro homens se identificaram como homossexuais, duas mulheres como heterossexuais e um homem como bissexual. As entrevistas duraram, em média, 40 minutos e seus conteúdos foram gravados em arquivo de áudio para posterior transcrição e análise. Além das entrevistas, foram considerados como material empírico os conteúdos dos *chats* públicos dos grupos investigados. Desta feita, o material obtido foi analisado utilizando-se a técnica de codificação temática (FLICK, 2009), com a qual os dados foram organizados, sistematizados e codificados em categorias, e interpretados a partir da literatura que constituiu o referencial teórico.

## RESULTADOS

Da análise do material empírico, emergiram duas categorias temáticas que serão apresentadas nesta seção. A primeira, “Aqui a corda tá batendo, você entra, pula um pouco, sai e o povo continua”: a socialidade entre PVHA nos grupos no WhatsApp apresenta os grupos pesquisados e os modos como se davam a socialidades entre os interlocutores. A segunda, “Quem não é visto, não é lembrado”: afetos e desejos em circulação nos grupos discorre sobre como ocorria a circulação dessas emoções entre PVHA no contexto do WhatsApp.

### “Aqui a corda tá batendo, você entra, pula um pouco, sai e o povo continua”: a socialidade entre PVHA nos grupos no WhatsApp

Um grupo de WhatsApp utiliza o formato de *chat* online que possibilita reunir um máximo de 256 participantes em torno de um tema de interesse comum. O serviço é gratuito e permite que a qualquer momento do dia os seus usuários conversem e compartilhem arquivos das mais variadas formas. Nesses ambientes digitais formam-se comunidades por afinidades, necessidades e pelo desejo de socializar, e seu gerenciamento é feito pelos próprios usuários. Enquadram-se nessa categoria os grupos e as formas como as PVHA interagem entre si nos *chats* dos grupos pesquisados.

A plataforma do WhatsApp permite que os administradores adicionem alguma descrição sobre o grupo. Na descrição do grupo Família, os novos membros foram convidados a “conhecer pessoas novas e encontrar apoio dos mesmos como você” e também a se apresentarem com nome, foto, cidade e idade. Quando Leonardo convidou o primeiro autor deste artigo para o grupo Clube, ele o apresentou como formado por “*uma galera muito maneira. Se quiser conhecer me avise que te add<sup>4</sup>. Acontece muitas amizades boas e relacionamentos*”. O grupo é bem dinâmico, bem administrado, muito interativo. O Clube possuía uma estética própria, fazia uso de um logotipo na foto de capa, além de símbolos e *emojis* que ajudaram a criar

4 Forma abreviada da palavra "adicionar", indicando quando se inclui alguém à sua rede social.

uma identidade única a essa comunidade. Além disso, na descrição estavam dispostas todas as regras de convivência do grupo (como se verá adiante), as quais deveriam ser seguidas à risca para que o membro não fosse excluído. Tais regras eram monitoradas pela equipe de administradores.

No Renascer, além do já mencionado processo de avaliação que antecede o ingresso no grupo, não consta uma descrição, mas, sim, as regras de convivência e os nomes dos administradores. De modo geral, os três grupos preconizavam que os membros novos se apresentassem, e assim era feito pela maioria, cada um à sua maneira, mas mantendo os mesmos elementos: enviar uma foto do tipo *selfie*, nome, idade e cidade onde residia. Algumas pessoas já deixavam claro se estavam solteiras e se procuravam paquera. Outros não relatavam um interesse específico, mas a maioria se sentia à vontade para contar sobre sua história com o HIV:

*“Boa noite, pessoal! Sou Rosana, tenho 36 anos e vivo com HIV há 3 anos e meio, 2 anos e meio de sorologia aberta! Sou carioca, mas moro em Uberlândia/MG”* (Rosana, grupo Renascer).

Outras pessoas costumavam mencionar se estavam indetectáveis:

*“Satisfação! Jorge, 35 anos, falo do interior do RN [Rio Grande do Norte], fico pouco por aqui...rsrs. Descobri minha sorologia há 04 anos e estou indetectável mais ou menos no mesmo tempo”* (Jorge, grupo Clube).

Nos três grupos, os membros se mostravam ávidos para interagir, fosse para se conhecer ou conversar sobre trivialidades. Com certa rapidez, os interlocutores transitavam entre diversos temas e, às vezes, mais de um assunto era conversado ao mesmo tempo e entre pessoas diferentes. A todo momento uma nova pessoa se juntava à conversa ou então deixava de participar da mesma, sem que isso afetasse o andamento das interações - o que não necessariamente significava que a pessoa estivesse offline. O volume de mensagens diárias era grande e ficava difícil, como pesquisador, estar a par de todas as conversas. Como disse Sônia no grupo *Família*: *“Galera, não consegui acompanhar até aqui”*. Simone respondeu: *“Aqui a corda tá batendo, você entra, pula um pouco, sai e o povo continua. Daqui a pouco tu entra de novo, pula mais um pouco, rs”*. Apesar de tantos membros nos grupos, nem todos interagiam. Algumas pessoas tinham o hábito de ser mais (ou apenas) observadoras, visitavam o grupo, liam as mensagens e conversavam sem efetivamente participar dos debates.

Nos grupos Clube e Renascer havia regras específicas para se evitar assuntos relacionados a temas que pudessem se tornar focos de discussões indesejadas: *“Não se pode discutir política, religião e futebol. Proibido causar tumultos e discussões, brigas e conflitos desnecessários”* (grupo Renascer); *“Esse não é um grupo para discutir religião, política ou futebol”* (grupo Clube). O mesmo se aplicava ao compartilhamento de mídias com conteúdo erótico: *“Proibido vídeos pornográficos e de violência; proibido nudes<sup>5</sup> ou fotos que mostrem mais do que se deve. Fotos sem camisa APENAS em ambiente de praia, rio ou piscina”* (grupo Clube). Nem sempre esses regulamentos eram bem aceitos e havia momentos em que se tornavam motivos de conflitos ou questionamentos, como ocorreu com um membro que saiu do grupo Clube por não poder compartilhar uma foto sem camisa mostrando sua tatuagem nova. Já no grupo *Família*, não havia tais impeditivos, mas os membros seguiam um bom senso para manter a convivência no *chat*:

---

5 O termo *nudes* é uma expressão nativa dos *chats* online e diz respeito ao envio de fotografias sem roupas ou vestimentas que mostram o corpo (ou partes dele) desnudo.

*“Aqui falamos de tudo: besteiras, sexo, futebol, sorologia. Mas se tiver alguma dúvida sobre um assunto específico estamos aqui. Só não focamos [no HIV] para o Grupo não ficar pesado demais”* (Ronaldo, grupo Família).

Também no grupo Família havia certa liberdade para compartilhar material de cunho sexual mais explícito, como *stickers*<sup>6</sup> ou imagens, sem que ninguém fizesse objeção. Havia alguns membros que compreendiam isto como uma *“perda do foco do grupo”* (Omar, grupo Família), pois viam como dispersão dos assuntos relacionados ao HIV e à soropositividade. Porém, entre as pessoas ativamente engajadas nas conversas desse grupo, havia uma compreensão de que não se deveria falar apenas sobre HIV. Certa vez, houve uma reclamação dos administradores quanto ao foco do grupo, a pessoa acabou desistindo de participar e saiu. A reclamação não foi bem vista por alguns que continuaram na conversa: *“conversar SÓ sobre HIV, ninguém consegue”, disse Fernanda. Tânia completou: “Até pq [porque] não nos resumimos a esse vírus. Somos seres humanos”*.

Durante as incursões em campo e nas conversas com os interlocutores foi possível observar que, entre pessoas dos três grupos, havia se formado amizades mais duradouras, principalmente entre aquelas que conversavam entre si diariamente. Heitor, do grupo Família, se destacava, pois era um dos que mais iniciava conversas. Ele era um jovem de 29 anos, se apresentava como heterossexual, mineiro, mostrava-se sempre alegre e pronto para fazer gracejos e brincadeiras com os outros membros do grupo. No caso de Heitor, por exemplo, ficou evidente que o estreitamento de laços de amizade decorria do fato de ele conversar praticamente todos os dias com pessoas que não moravam perto dele, mas com quem compartilhava novidades de sua vida, fazia brincadeiras e pedia conselhos. Quando queria compartilhar algo mais confidencial e direcionado a alguém específico, avisava que iriam conversar pelo *chat* privado, mas, no geral, ele se sentia confortável para contar muitas histórias de sua vida a todos ali. Ele tinha uma namorada, a quem se referia sempre como *“a patroa”*, com quem formava um casal sorodiscordante. Mesmo namorando, Heitor participava do grupo com o intuito de manter essas amizades que se formaram ali, mostrando que elas desempenhavam um papel importante em seu cotidiano.

Conversas como as que Heitor mantinha com outras pessoas compunham a rotina dos três grupos investigados, o que podia envolver mensagens com desejos de bom dia; com *selfies* enviadas por alguém que estava no trabalho; contando algo que aconteceu naquele dia; e, no fim do dia, os desejos de boa noite. Com tantos membros em cada grupo, sempre havia alguém para conversar. Tudo poderia ser o disparador de uma conversa longa, que possivelmente desembocava em outros assuntos ou acabava subitamente. Aqueles que se mostravam como mais atarefados durante o dia se contentavam em brevemente conferir como o grupo e as pessoas amigas estavam e, logo em seguida, voltavam aos seus afazeres. Quando perguntado a Gustavo, membro do Clube, sobre sua participação diária no grupo, ele declarou: *“Então, eu faço a boa vizinhança: bom dia, boa tarde e boa noite”*.

Para além de apenas cumprimentos formais, as vivências dessas pessoas eram compartilhadas com o grupo de forma intensa. Exemplo disso eram as comemorações conjuntas de aniversários dos membros mais engajados, como Margarete e Rosana. No grupo Renascer, esses eventos mereciam até destaque, pois os administradores alteravam temporariamente o nome do grupo para uma mensagem de parabéns ao aniversariante. Assim, todos os membros ficavam sabendo e podiam comemorar enviando suas felicitações, além de figurinhas temáticas, imagens e vídeos de feliz aniversário. Além dos aniversários, outras notícias podiam ser motivo para comemorações, como novos relacionamentos e promoções no trabalho. O mesmo se dava em momentos tristes, como o adoecimento ou falecimento de um membro do grupo, como ocorreu

6 *Stickers* são conhecidos no Brasil como ‘figurinhas’. Elas podem substituir palavras, frases, possibilitando uma comunicação mais diversa, rápida e, por vezes, divertida.

quando um membro do Renascer teve complicações após uma cirurgia e os membros acompanhavam as notícias que chegavam ao longo dos dias de internação hospitalar. Após seu falecimento foram prestadas diversas homenagens no *chat* do grupo:

*“Tá sendo um momento difícil. Vai ficar lembrada no meu coração com a alegria e o amor pela vida como sempre foi”* (Paula, grupo Renascer).

*“A nossa amiga é um exemplo de amor ao próximo, amizade, união, alegria. Enfim, ela é um exemplo de só coisas boas! Sempre será eterna na minha ida!”* (Paloma, grupo Renascer).

Não era raro um novo membro entrar nos grupos procurando não relacionamentos, mas informações ou ajuda. Quando o carioca Jeferson chegou ao Clube já perguntou: *“Alguém do Rio sabe me informar onde se consulta e pega medicamento no Jacarepaguá ou próximo e como seria o procedimento de quem vai de outro estado?”* Ele foi aconselhado pelo administrador do grupo, Leandro: *“Veja com os meninos ddd 21, peça licença e converse com eles. Uma vez precisei e muitos membros do Rio me ajudaram com informação”*. Dúvidas acerca da convivência com o HIV e relacionamentos também eram comuns:

*“Bom dia. Alguém pode me dizer como funciona um relacionamento sorodiscordante? Se é verdade que quem é indetectável é intransmissível”* (Rogério, grupo Clube).

Sobre essa forma de relacionamento, em que uma pessoa é soropositiva para o HIV e a outra não, Wesley respondeu: *“Esse tipo de relacionamento é normal! Mas, claro, você tem que tirar todas as dúvidas dele porque ao longo do relacionamento vão surgir dúvidas, vão surgir mil e uma questões. O bom é ele ter a mente aberta para isso e se ele já conhece tratamento, cuidados é uma ótima caminhada!”*.

Desabafos e queixas emocionais também eram comuns nas conversas nos grupos, como a mensagem que Eliza enviou no *chat* do Renascer na qual postou uma fotografia sua sorrindo e abraçada a alguém. Na legenda, ela escreveu: *“Antes do HIV, eu sorria”*. Em outra ocasião foi possível observar o diálogo entre alguns membros do grupo Família sobre como lidavam com a depressão e outros problemas emocionais. Em meio a essa conversa, uma moça comentou que não conseguia mostrar sua foto de rosto no perfil da sua conta no WhatsApp devido ao seu estado depressivo. Em outra ocasião, também no grupo Família, a falta de foco do grupo foi questionada, devido às conversas sobre temáticas variadas, ao que um outro membro rebateu:

*“Essas conversas aleatórias aqui no grupo, além do HIV, já ajudaram muita gente a sair de uma crise de ansiedade e já distraíram muitas pessoas com pensamentos suicidas”* (Carlos, grupo Família).

Em seguida, Heitor trouxe que já participou de vários grupos com soropositivos, mas que só no grupo Família ele se sentiu à vontade para permanecer. Da mesma forma que Fábio: *“Este grupo inclusive é muito importante pra mim, pq [porque] posso falar abertamente sobre isso”* [ser soropositivo].

### **“Quem não é visto, não é lembrado”: afetos e desejos em circulação nos grupos**

Como se viu na categoria anterior, seja buscando um relacionamento amoroso, uma parceria sexual casual ou apenas uma amizade, a socialização que tinha início nos grupos no WhatsApp buscava, em alguma medida, estender-se para um encontro pessoal, muito embora fosse necessário ponderar as distâncias geográficas. Nesta categoria, aborda-se como são agenciados e construídos esses relacionamentos que têm

início nos *chats* dos grupos e podem ou não se consolidar também além das redes sociais na internet. O foco aqui é o modo como circulam os afetos e desejos entre os interlocutores no contexto dos grupos no WhatsApp.

A circulação dos afetos e desejos nos grupos geralmente começava com alguém mandando uma foto pessoal no *chat*. A foto costumava projetar a pessoa como alguém interessante e desejável sexualmente. As imagens projetadas podiam dar ênfase ao corpo, à idade, ao local onde ela havia sido feita, às roupas e aos acessórios, entre outros aspectos. Depois que a foto era postada, outros membros respondiam com elogios e demonstrações de interesse, de maneira que eram comuns mensagens como “que lindo” ou “nossa! Eu casava”. Nessas ocasiões podia acontecer o *match*, termo comumente utilizado por usuários de aplicativos de paquera e relacionamento que expressa o sentido de ‘combinar’, ‘formar um par’. Na linguagem da internet, o termo é empregado quando duas pessoas expressam interesse mútuo uma pela outra. Para Eduardo, membro do Clube, a foto e a apresentação são essenciais nessa busca de parceiros:

*“Todo mundo tem que falar alguma coisa. Acho que se expor é a mensagem da pessoa também, melhor do que não falar nada, porque senão as pessoas não sabem como abordar a outra no privado, já fica meio caminho andado. Tipo, a pessoa mora aqui perto, gosta das mesmas coisas que eu. Quem não é visto, não é lembrado”.*

Essa forma de atrair a atenção do grupo e esperar algo em troca como elogios, curtidas, mensagens é chamada de ‘biscoitagem’ na linguagem da internet e o seu desfecho pode variar conforme provoque ou não o interesse de quem recebe a mensagem: em um momento, o ‘biscoiteiro’ podia receber bastante atenção, ou seja, os *biscoitos*; em outro, podia não receber atenção alguma. Qualquer que fosse o desfecho, não se observou a existência de uma obrigação de retribuição dos afetos e desejos dados e/ou recebidos, uma vez que a circulação dos ‘biscoitos’ implicava, em alguma medida, a existência de um *match*. Na convivência com os interlocutores nos grupos, percebeu-se que ‘biscoitar’ era um comportamento bastante recorrente entre seus participantes, mesmo quando a pessoa não estava, necessariamente, procurando um relacionamento. O caso de Gustavo, do grupo Clube, é bastante ilustrativo, visto que ele era sempre apontado como ‘biscoiteiro’, uma vez que a sua participação no grupo envolvia o envio quase diário de *selfies* em situações diversas: no ambiente de trabalho, em passeios, na mesa de um barzinho, ou, simplesmente, relaxando em casa. Na maioria das fotos enviadas, Gustavo recebia elogios ou ‘cantadas’ dos outros membros. Em uma dessas publicações, o pesquisador respondeu elogiando sua foto no *chat* do grupo e, rapidamente, Gustavo iniciou uma conversa no *chat* privado para agradecer, se apresentar e continuar um diálogo à parte dos demais. Quando entrevistado, ele contou que já conheceu duas pessoas do grupo pessoalmente e que há um ano e meio estava se relacionando com um rapaz soropositivo de São Paulo, mas disse que “*não é um relacionamento sério, a gente tá só ficando*”.

Em uma paquera presencial, como numa festa, é comum que as pessoas busquem um espaço mais reservado após o *match*. Nos grupos pesquisados, a estratégia para continuar a paquera consistia em ir para um *chat* privado, como Gustavo fez quando recebeu o elogio do pesquisador. Partir do *chat* público para o privado era uma dinâmica que já fazia parte da construção de parcerias ali. Algumas pessoas já deixavam claro que concediam a permissão de que outros membros lhe procurassem no privado, apenas dizendo “*PV liberado*”, utilizando a sigla PV com o significado de *chat* privado. Esta frase era recorrente nas interações entre pessoas pertencentes aos grupos e parecia ter se tornado a estratégia utilizada ali para deixar evidente o interesse em desenvolver parcerias afetivo-sexuais, como fez Tiago no grupo *Família*: “*Meu PV está livre para quem quiser namorar comigo. Para quem quiser amizade tb [também]*”. Na conversa privada, tudo ou nada podia se desenrolar e os interlocutores confirmavam isso em suas narrativas:

*“Conheci o Felipe no grupo. Comecei dando uma cantada horrorosa e ele respondeu. Começamos a conversar em abril. Eu achei que não daria em nada, até que um dia, em junho, ele me convidou para o aniversário dele. Passei três dias com ele e estamos juntos desde então”* (Gustavo, grupo Clube).

*“Tanto nesse grupo quanto no outro [de que participo] tinha um rapaz que se chamava Leandro. Quando ele entrou e se apresentou, falou que trabalhava à noite. Coincidentemente, eu também trabalhava à noite! Era um rapaz de boa aparência, sabe? Pra minha surpresa, um dia ele mandou “bom dia” e pronto! Isso foi o suficiente para alegrar a minha vida. A partir dali, a gente começou a conversar, falamos algumas realidades nossas. Marcamos um dia para nos encontrar. Ele veio à minha casa, a gente ficou, a gente se gostou e namoramos por seis meses”* (Adriana, grupo Renascer).

Na hora de avaliar uma possível paquera, algumas pessoas também levavam em conta se o(a) provável parceiro(a) também era soropositivo(a), sendo a possibilidade de ter um relacionamento afetivo-sexual sorocordante um dos motivos de procurarem participar desses grupos no WhatsApp. Em uma conversa no grupo Família, Sérgio disse: *“meu maior sonho é me envolver com alguém e, por acaso, descobrir que a pessoa é indetectável igual a mim”*. Verônica logo lhe respondeu: *“esse é o sonho de todos rsrsrs”*. Ao que Sérgio completou: *“Eu me relaciono casualmente, mas, no fundo, tenho o fantasma de que sempre serei rejeitado, por mais interessante que eu seja”*. Eduardo, do grupo Clube, revelou em sua entrevista que já esteve em um relacionamento sorodiscordante por dois anos, mas que agora também preferia se relacionar com alguém que também vive com HIV: *“eu também costumava entrar nas salas de bate-papo [do site UOL] e já deixar indicado com o ícone que eu era [soropositivo], pra ver se eu encontrava alguém na mesma condição”*. Eduardo ainda narrou que procurou por alguém em grupos específicos do Facebook, mas que não obteve sucesso e, depois disso, começou a participar de grupos no WhatsApp. Já, para outros membros, ser soropositivo não era um critério obrigatório ao procurar paqueras em outros lugares, apesar de ainda existir a questão de ter ou não ter que revelar sua sorologia para a pessoa em algum momento:

*“Gente, eu não falo. Sempre transo com camisinha. Só vou falar quando eu tiver certeza de que vai rolar algo legal entre a gente. Tem um ano que descobri a sorologia e nunca contei para alguém, porque não tive nada sério nesse tempo. Não tenho medo do HIV. O meu maior medo é do preconceito”* (Michele, grupo Família).

Como pode ser observado em alguns depoimentos e mensagens, as pessoas dos grupos não estavam restritas a interagirem apenas no plano digital. Tanto no Clube quanto no Renascer havia o costume de promover eventos presenciais para que os membros pudessem se conhecer pessoalmente. No Renascer, Margarete contou que eventualmente procuravam fazer encontros, como viagens, que podiam durar um final de semana inteiro em sítios e chácaras e os membros se mobilizavam para custear a estadia e alimentação. No Clube, costumavam realizar encontros mensais na região metropolitana da cidade de São Paulo, um para comemorar os aniversariantes do mês e outro para fazer um piquenique em parques públicos. Leandro, um dos administradores desse último grupo, relatou que cada evento desse costumava reunir de 35 a 45 pessoas: *“É muito legal. Você chega lá e sempre tem alguém novo. Você conhece as pessoas, dá uma paquerada, bate um papo, encontra com amigos. Sempre numa frequência muito boa. Eu acho muito bom”*.

No entanto, como os participantes do grupo eram de vários estados do país, a maioria ficava de fora desses eventos. Eduardo contou que conheceu alguns membros do grupo que moravam em sua cidade,

Recife, pois acabaram se organizando para realizar seus próprios encontros localmente. Já para aqueles membros que não moravam em capitais e grandes metrópoles, acabava sendo mais raro conhecer outras pessoas do grupo que moravam perto, lhes restando as interações digitais:

*“Nunca vejo ninguém da minha região aqui. Assim fica difícil”* (Joana, grupo Renascer).

Durante a pesquisa de campo não foi possível acompanhar esses encontros devido à pandemia de covid-19.

Nos grupos pesquisados, havia também pessoas que decidiram não buscar um relacionamento amoroso e/ou sexual, seja por causa do HIV, seja por outras razões. Carina, do Renascer, se declarou como *“assexuada por não ter mais vontade de sexo. Curta e grossa!!! E olha que eu era ariana. Acho que mudei de signo”*. Tereza lhe respondeu: *“em seguida do meu laudo fiquei dois anos sem sexo. Nada! Fiquei me entendendo e vendo como ia ser dali pra frente e até hj [hoje] passo meses até um ano sem ninguém”*. O temor da rejeição ao se revelar a sorologia parecia ser um fator importante na decisão de não querer se relacionar, como explicou Sérgio no *chat* do grupo Família:

*“Eu tenho seis meses de sorologia. Só de imaginar me envolver com alguém e cogitar ter essa conversa eu entro em pânico. Sempre tive muita insegurança e trauma com rejeições, agora eu acho que preciso até começar terapia pq [porque] não me vejo contando e demonstrando essa vulnerabilidade com altos riscos de rejeição e julgamento”*.

Margarete, por outro lado, já teve relacionamentos no passado, mas atualmente se mostra *“bem resolvida”* sobre não estar à procura de alguém: *“por motivos pessoais mesmo, de metas e projetos que eu tenho. Para alguém aparecer na minha vida agora, vai ter que ser pra somar muito”*. Diante dessas questões, é possível destacar que a busca de parcerias afetivo-sexuais nos grupos pesquisados era modulada não só pela soropositividade, embora esta assumisse um caráter central no propósito dos grupos, mas também por questões que mobilizavam afetos e desejos na circulação instituída por textos, imagens e vídeos. Conforme exposto na categoria anterior, essa circulação de afetos e desejos se dava em contextos interacionais atravessados por moralidades, etiquetas e códigos (como expresso nas regras de uso dos grupos), além de sempre se referenciar às singularidades da história de vida de cada pessoa e de suas experiências no campo afetivo e com o HIV/aids.

## DISCUSSÃO

O aspecto mais relevante dos resultados deste estudo diz respeito à evidência da circulação de afetos e desejos, entre pessoas que são membros de grupos no WhatsApp, como uma forma de construir uma socialidade na qual a condição de viver com HIV/aids não obstaculiza a construção de relações sociais de diferentes naturezas, nomeadamente aquelas de ordem afetivo-sexual que constituíram o foco desta pesquisa. Para os interlocutores que mantinham algum grau de segredo sobre a sorologia positiva para o HIV, participar desses espaços digitais de socialidade se colocava como uma possibilidade para restaurar e/ou ampliar os próprios sentidos do social e da vida com e apesar do HIV/aids<sup>7</sup>.

Nesse sentido, os resultados apresentados apontam para uma direção que busca alargar a compreensão sobre os usos de redes e mídias sociais por PVHA, sobretudo quando envolve processos grupais, uma vez

---

7 Sobre a constituição do social a partir das práticas afetivo-sexuais de homens cis gêneros, *gays*, que vivem com HIV, ver o trabalho de Santos (2019).

que a literatura tende a tomá-los como chave da constituição de apoio social, suporte social ou ajuda mútua, o que termina por inseri-los num regime interpretativo em que tudo parece se coadunar para o alcance da adesão ao tratamento, do sucesso de estratégias de comunicação em saúde ou de outras metas biomédicas e psicossociais (TAGGART *et al.*, 2015). Considera-se aqui o pressuposto de que a cronificação da infecção pelo HIV, mediante a supressão viral no organismo provocada pelo uso contínuo da Tarv, colaborou para a constituição de um fenômeno denominado de restrição discursiva sobre a epidemia de HIV/aids (INÁCIO, 2016). Nesse contexto, algumas PVHA passam a conviver entre um “mundo do segredo” e um “mundo oficial” (SIMMEL, 2009). O primeiro envolve a dimensão privada, individual e íntima de quem vive com o HIV e/ou as pessoas mais próximas; o segundo diz respeito à dimensão pública, social e interacional na qual o sujeito continua a manter a fachada pessoal da soronegatividade. Ou seja, a PVHA pode lançar mão de estratégias na vida cotidiana para navegar entre esses dois “mundos”, de forma a manter a coerência entre elementos da representação: papel, desempenho, fachada pessoal, controle expressivo etc. (GOFFMAN, 2011). Além disso, cabe destacar que esses ‘mundos’ e representações não se opõem, nem estão dicotomizados. O que há são imbricações, superposições, coexistências e capilaridades.

Nesse sentido, o ‘mundo do segredo’ instaura uma contradição na condição de viver com o HIV como uma infecção crônica, na medida em que a restrição contemporânea dos discursos sobre a condição (INÁCIO, 2016) traz à tona dimensões simbólicas antes narradas como “morte civil” por ativistas vinculados ao movimento social voltado para HIV/aids nos anos 1980 (DANIEL, 1989). No contexto atual, essa “morte civil” tem se atualizado como uma “doença segredo”, implicando uma nova forma de morte simbólica, como salienta Emerson Inácio:

visto que se não mais se morre por HIV, continua-se ainda a morrer no silêncio da impossibilidade de revelação da situação sorológica das pessoas; na rejeição advinda de uma exposição pública, o que envolveria a morte dos afetos e mesmo, ainda, aspectos como vergonha, silenciamento, abandono, mesmo em se tratando da existência de tratamentos eficazes como os que há hoje (INÁCIO, 2016, p. 498-9).

Tendo em conta esse pano de fundo foi que se considerou a participação de PVHA nos grupos pesquisados como a possibilidade de forjar novos laços sociais ou mesmo de sua reconstituição. Tal aspecto pode ser evidenciado nos motivos para a participação dos interlocutores nos grupos Clube, Família e Renascer, como, por exemplo: as estratégias para burlar as possíveis rejeições; e a busca de relacionamentos afetivos-sexuais casuais ou duradouros, razão primeira para a formação dos grupos, a busca de amizades, paquera, ajudas e informações sobre questões relativas ao viver cotidiano com o HIV. Ademais, embora o HIV/aids fosse o foco inicial das interações entre seus membros, os três grupos tinham em comum a abertura a outros temas, pois, como enfatizou Tânia, “*não nos resumimos a esse vírus*”. Dessa forma, as conversas nos grupos giravam em torno do tratamento, do acesso a serviços do SUS, relacionamentos sorodiscordantes, questões de saúde, doença e morte dos participantes, acompanhamento do cotidiano das pessoas, comemorações diversas e narrativas sobre sofrimento emocional decorrentes da condição de viver com o HIV/aids como depressão, ansiedade e suicídio. Esses mesmos temas foram reportados nas interações entre PVHA membros de um grupo fechado no Facebook (DAMASCENO *et al.*, 2019) e também nos estudos analisados numa revisão de literatura (TAGGART *et al.*, 2015).

As facilidades de contato e interação instantâneos que a rede social WhatsApp permite a seus usuários oportunizou a interação simultânea de várias pessoas sobre temas e conversas variados, o que produziu uma intertextualidade e tipos de engajamentos bastante diversificados, como as pessoas que participavam escrevendo ou postando mídias e outras que apenas observavam. Esses participantes ‘espreitadores’ (do inglês, *lurker*), uma vez que assistem às discussões online, mas não interagem com as pessoas, também foram reportados na etnografia de Melo (2021) em um grupo fechado no Facebook formado por PVHA. A partir

de diálogos mantidos no Messenger do Facebook com um de seus interlocutores, o autor foi introduzido no universo de membros dos grupos que apenas acompanhavam e curtiam as postagens feitas por outras pessoas, sem deixar comentários. Assim como no estudo de Melo (2021), os interlocutores membros dos grupos no WhatsApp teciam uma ampla rede comunicacional constituída por afetos e relações, o que indica a necessidade metodológica de se considerar esses diálogos e pessoas que ‘não aparecem’ em pesquisas feitas em redes e mídias sociais na internet.

No que tange à construção de parcerias ou relacionamentos afetivo-sexuais casuais ou duradouros, os achados apresentados aqui corroboram aqueles de outras investigações socioantropológicas. De acordo com Borges, Santos e Melo (2017), a revelação ou não do segredo sobre a sorologia se coloca como um dilema para as PVHA que se propõem a viver um relacionamento amoroso. Ao mesmo tempo, os autores relataram que alguns de seus interlocutores optaram pelo não envolvimento em relacionamentos amorosos e/ou sexuais, assim como afirmaram Carina, Tereza e Margarete que eram membros do grupo Renascer, como forma de evitar proximidade e intimidade com o outro – o que geraria a demanda de contar. Trata-se, portanto, de estratégias de enfrentamento de experiências estigmatizantes e produtoras de sofrimento emocional e social. O estudo de Agostini, Maksud e Franco (2018) destacou o quanto o gerenciamento do segredo sobre a sorologia se faz necessário diante do significado dado ao vínculo e à confiança que se constrói entre os parceiros, principalmente nos momentos iniciais da relação. Borges, Santos e Melo (2017) enumeraram algumas estratégias que antecedem a revelação da sorologia cujo objetivo era ‘sondar’ as possíveis reações do outro diante do HIV/aids. Em ambos os estudos, essas estratégias são utilizadas como proteção à rejeição, ao estigma e à discriminação.

Como assinalado anteriormente, apesar das pessoas terem sido atraídas para os grupos no WhatsApp em pauta com o objetivo de ampliar suas possibilidades de conhecer alguém que também vivesse com HIV/aids e, assim, poder constituir relações afetivo-sexuais sem que para isso fosse necessário enfrentar as dificuldades relatadas acima, há que se destacar que nem sempre essas intenções se efetivaram no cotidiano dos grupos, em que pese alguns casos narrados na segunda categoria temática. O que parecia ganhar relevo ali era a constituição de relações de amizades com pessoas que moravam ou não na mesma cidade ou estado. Dessa forma, a possibilidade de se engajar, a qualquer momento do dia, em conversas por meio das quais os interlocutores compartilhavam seus cotidianos, suas histórias de vida, relatavam novidades, buscavam apoio em momentos como internação, adoecimento e morte, mas também comemoravam a vida, o novo relacionamento, a promoção no trabalho, nos permite compreender esses espaços digitais e a socialidade que se produz ali como capazes de: conectar pessoas, artefatos sociotécnicos (como os *smartphones*, a internet e outros), lugares, situações, emoções, relações, projetos de vida etc. Tais resultados são convites para ampliar os olhares que profissionais da saúde, mas também de outros setores, lançam para a socialidade em redes e mídias digitais. Nomeadamente quando se trata de indivíduos e grupos sociais que experimentam múltiplas formas de abjeção, preconceito, estigma e discriminação nos contextos de interação social face a face (ou offline), o engajamento em grupos no WhatsApp, como se buscou mostrar aqui, pode ser um fio com o qual se faz novas maneiras de se engajar na vida social.

Tais evidências corroboram aquilo que Lins, Parreiras e Freitas (2020) chamaram atenção ao afirmarem que, a princípio, a oposição entre real/virtual deu lugar ao que Miller e Slater (2004) denominaram de *continuum* online/offline - o que implicava pensar essas relações como fluidas, contínuas, contextuais e cujos sentidos eram produzidos na medida em que os sujeitos significam suas práticas e usos; atualmente, a categoria “digital” tem ganhado maior ênfase, inclusive por entender (e a pandemia de covid-19 intensificou esse processo) que “com a disseminação da digitalização e da mídiatização das relações sociais cotidianas, em várias frentes, formais e informais, institucionais e interpessoais” (LINS, PARREIRAS, FREITAS, 2020, p. 5), já não temos de recusar o digital, em sentido amplo. Para essas autoras, o digital “se refere a um

conjunto heterogêneo e bastante amplo de objetos, ações e relações sociotécnicas que se tornaram parte de nossa experiência cotidiana, modulada por marcadores sociais de classe, gênero, idade, raça, sexualidade, dentre outros” (LINS, PARREIRAS, FREITAS, 2020, p. 2). Esta compreensão ganha profundidade, quando lida com encontros presenciais organizados pelos interlocutores participantes dos grupos no WhatsApp estudados, e reforça o argumento de que os engajamentos nesses espaços digitais se colocam não como um ‘apoio’, um ‘suporte’, uma ‘ajuda’ ou uma ‘ferramenta’ de comunicação em saúde, mas como parte constitutiva do mundo social dessas pessoas.

Cumpre ainda assinalar a importância das interações nos chats dos grupos, mas também nas conversas nos chats privados dos interlocutores, uma vez que elas fazem circular, principalmente por meio da ‘biscoitagem’, afetos e desejos que parecem ser fundamentais na constituição da pessoa soropositiva, tendo em vista as dificuldades de PVHA, já comentadas, no campo afetivo-sexual. Nesse sentido, buscou-se alçar a ‘biscoitagem’ - uma prática corriqueira em redes e mídias sociais na internet - a uma posição de relevo nos contextos pesquisados, por ter se constituído numa pista rentável para pensar o modo como os interlocutores, por meio do compartilhamento de fotografias pessoais, buscavam se apresentar como sujeitos desejáveis e desejantes, o que, certamente, cumpria uma função importante nos seus projetos de vida. Ademais, as fotografias foram apontadas como uma forma de ‘se expor’, como disse Gustavo, e, assim, ser visto e lembrado nas relações com as outras pessoas no campo afetivo.

Em sua etnografia entre mulheres da classe média paulistana que usavam o Tinder para busca de parcerias afetivas e sexuais, Beleli (2015) já havia destacado a importância das fotografias na construção de afinidades e paqueras. A autora afirmou que “decoração da casa, formas de se vestir, adornos” sugerem uma autoclassificação que afastava suas interlocutoras de homens “pobres e vulgares”, agindo, portanto, como “um filtro para ver o Outro e imaginar a si mesma” (BELELI, 2015, p. 104-105). Nos grupos Clube, Família e Renascer, ficou evidente o quanto a fotografia postada no ingresso nos grupos ou em outros momentos cumpriam uma importante função no estabelecimento do match entre as pessoas, facilitando, inclusive, a abordagem no chat privado. Como também foi destacado anteriormente, ‘dar’ a foto e ‘receber’ elogios e cantadas (os ‘biscoitos’) não constituíam uma obrigação. Sobretudo nos grupos em que as regras de uso proibiam o compartilhamento de nudes ou fotografias com conteúdo mais sensual e erótico, a circulação dos ‘biscoitos’ era modelada por moralidades que variavam conforme as especificidades de cada grupo e de seus membros (idade, orientação sexual, proposta do grupo etc.). Essas moralidades dialogam com aquilo que Rier (2007) notou em sua pesquisa sobre grupos de suporte online para PVHA: a necessidade de relativizar a imagem amplamente difundida de que esses espaços são seguros, uma vez que, nos sete sites investigados por ele, os dilemas do viver com HIV/aids foram, em geral, problematizados a partir de julgamentos morais e pudores.

Por fim, cabe salientar a necessidade de novas investigações que considerem esses espaços digitais, formados por PVHA no WhatsApp com o objetivo de produzir parcerias afetivo-sexuais, a partir de uma análise que considere se a circulação de afetos e desejos é permeada pela lei da reciprocidade obrigatória, nos termos cunhados por Marcel Mauss (2003). Assim sendo, desejos e afetos não seriam elementos simplesmente colocados em circulação, mas intercambiáveis, restando-nos entender melhor que outros elementos, explícitos e implícitos, são colocados em cena como contradons e quais os seus papéis na tessitura dos sujeitos, de suas parcerias e dos seus mundos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender as experiências de PVHA que eram membros de grupos no WhatsApp na construção de parcerias afetivo-sexuais. O estudo permitiu apreender a construção da socialidade nos grupos investigados, com ênfase no modo como punham em circulação afetos e desejos mediante a prática

da ‘biscoitagem’. Além disso, destacou-se o quanto essa circulação de afetos e desejos se colocou como uma forma de construir uma socialidade na qual a condição de viver com HIV/aids não obstaculiza a construção de relações sociais de diferentes naturezas, nomeadamente aquelas de ordem afetivo-sexual que constituíram o foco desta pesquisa. No contexto investigado, o uso da rede social WhatsApp por meio da formação de grupos demandou uma chave interpretativa dos resultados que se afastasse das compreensões correntes e bastante restritas, uma vez que percebiam esses espaços digitais, principalmente, como estratégia de comunicação relacionada à saúde. Assim, na medida em que, nos grupos investigados, os interlocutores, em suas interações sociais, conectavam pessoas, artefatos sociotécnicos, lugares, situações, emoções, relações, projetos de vida etc., eles produziam não só ‘apoio’, ‘suporte’, ‘ajuda’ ou comunicação sobre HIV, mas teciam seus próprios mundos sociais.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Rafael; MAKSUD, Ivia; FRANCO Túlio. “Eu tenho que te contar um negócio”: gestão da soropositividade no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais de jovens vivendo com HIV. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 30, p. 201-223, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.30.10.a>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/Mhg7VffcFNKnLqQvZCKMvcj/abstract/?lang=pt>. Acesso em 23 dez. 2021.
- BELELI, Iara. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 44, p. 91-114, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-4449201500440091>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/DjcGbmcs947z3ZC3nV3VYgk/?lang=pt>. Acesso em: 23 dez. 2021.
- BORGES, Raul Elton Araújo; SILVA, Mercês de Fátima dos Santos; MELO, Lucas Pereira de. “Mas não tive coragem de contar”: a revelação da condição sorológica na experiência amorosa de pessoas que vivem com HIV. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 664-675, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902017170311>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/NKtcFQWhLvvRYdMNpcFXX5J/?lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em saúde. **Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS**, Brasília, DF, n. dez. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2021/boletim-epidemiologico-especial-hiv-aids-2021.pdf>. Acesso em: 08 set. 2022.
- CUNHA, Cláudia Carneiro da. Os muitos reverses de uma “sexualidade soropositiva”: o caso dos jovens vivendo com HIV/AIDS. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 70-99, abr 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-64872012000400004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/mPSgw8Sb4np3PJspNxxjZ7zL/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- DAMASCENO, Éverson de Brito *et al.* “Algo tão simples de viver e controlar, mas difícil de compartilhar e defender”: HIV/Aids, segredos e socialidades em uma rede social on-line. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 23, p. e180506, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.180506>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/5Dr5PHWVR89gFTWvsGZrCQh/?lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2021.
- DANIEL, Herbert. **Vida antes da morte**. São Paulo: Tipografia Jaboti, 1989.
- FLICK, Uwe. **An introduction to qualitative research**. 4. ed. London: Sage, 2009.
- GARBIN, Helena Beatriz da Rocha; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues; PEREIRA NETO, André Faria. Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 347-363, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312012000100019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/YkMhNnj5m86mQ5QXtNsNdCs/?lang=pt>. Acesso em: 19 dez. 2021.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 1-42, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370>. Acesso em: 08 abr. 2022.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Carga zerada: HIV/AIDS, discurso, desgaste, cultura. **Via Atlântica**, São Paulo, v. 1, n. 29, p. 479-505, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/va.v0i29.118885>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/118885>. Acesso em: 22 dez. 2021.

KENWORTHY, Nora; THOMANN, Mathew; PARKER, Richard. From a global crisis to the 'end of AIDS': new epidemics of signification. **Global Public Health**, Londres, v. 13, n. 8, p. 960-971, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/17441692.2017.1365373>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17441692.2017.1365373>. Acesso em: 18 dez. 2021.

LEITÃO, Débora Krischke; GOMES, Laura Graziela. Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life. **Revista Cronos**, Natal, v. 12, n. 1, p. 25-40, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3159>. Acesso em: 08 abr. 2022.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia de. Estratégias para pensar o digital. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. e181821, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181821>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181821>. Acesso em: 23 dez. 2021.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314.

MÁXIMO, Maria Elisa *et al.* A etnografia como método: vigilância semântica e metodológica nas pesquisas no ciberespaço. In: MALDONADO, Alberto Efendy *et al.* (org.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: Ed. UNIDAVI. Natal: EDUFRN, 2012. p. 293-319.

MELO, Lucas. Podem os “doentes” conversar? Afetos, negociações e experiências numa etnografia acerca do viver e do pesquisar sobre (e com) HIV-aids. In: BARSAGLINI, Reni; PORTUGAL, Silvia; MELO, Lucas. (Org.). **Experiência, saúde, cronicidade: um olhar socioantropológico**, Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021. p. 117-133.

MELO, Lucas Pereira de; CORTEZ, Lumena Cristina de Assunção; SANTOS, Raul de Paiva. É a cronicidade do HIV/aids frágil? Biomedicina, política e sociabilidade em uma rede social *on-line*. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 28, p. e3298, 2020. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4006.3298>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/ZrWvpCZDmD5WJNYvJkRZG/?lang=en>. Acesso em: 29 nov. 2021.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia *on* e *off-line*: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 41-65, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832004000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hjvpRs4snhb8MSbGy/?lang=pt>. Acesso em: 23 dez. 2021.

MLILO, Philani *et al.* “Growing up and growing old with HIV”: HIV+ adolescents’ experiences of disclosing statuses to romantic partners in Bulawayo, Zimbabwe. **African Journal of AIDS Research**, Londres, v. 19, n. 4, p. 312-322, 2020. DOI: <https://doi.org/10.2989/16085906.2020.1841011>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.2989/16085906.2020.1841011>. Acesso em: 19 ago. 2021.

PAIVA, Fernando. **Pesquisa Panorama: mensageria no Brasil**. [S. l.]: Mobile Time: Opinion Box, 2021. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/pesquisas/mensageria-no-brasil-fevereiro-de-2021/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

QUEIROZ, Artur Acelino Francisco Luz Nunes *et al.* Conhecimento sobre HIV/Aids e implicações no estabelecimento de parcerias entre usuários do Hornet®. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 71, n. 4, p. 2062-2069, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0409>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/PyBqZpdh7gDkCGyp8XFr8Tf/?lang=en>. Acesso em: 18 dez. 2021.

QUINN, Thomas C. Forty years of AIDS: a retrospective and the way forward. **The Journal of Clinical Investigation**, Ann Arbor, v. 131, n. 18, p. e154196, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1172/JCI154196>. Disponível em: <https://www.jci.org/articles/view/154196>. Acesso em: 07 dez. 2021.

RIER, David A. Internet social support groups as moral agents: the ethical dynamics of HIV+ status disclosure. **Sociology of Health & Illness**, Oxford, v. 29, n. 7, p. 1043-1058, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9566.2007.01023.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9566.2007.01023.x>. Acesso em: 29 nov. 2021.

- SANGARAMOORTHY, Thurka. Chronicity, crisis, and the 'end of AIDS'. **Global Public Health**, Londres, v. 13, n. 8, p. 982-996, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/17441692.2018.1423701>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17441692.2018.1423701>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- SANTOS, Francisco Gleidson Vieira dos. “**Uniformizados pela pele, travestidos pelo desejo**”, a criação de um “**novo mundo**” a partir das orgias barebacking do “**Rei Sol**”. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/42325>. Acesso em: 27 dez. 2021.
- SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da; DUARTE, Filipe Mateus; ALVES NETTO, Gilberto Rios. Sociabilidades “positivas” em rede: narrativas de jovens em torno do HIV/Aids e suas tensões cotidianas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 335-355, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000200009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/QGWqHQjZkznbYdq8QhLMLqm/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2021.
- SIMMEL, Georg. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. Tradução: Simone Carneiro Maldonado. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 43, n.1, p. 219-242, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2009v43n1p219>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2009v43n1p219>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- STRATHERN, Marilyn *et al.* 1989 debate: the concept of society is theoretically obsolete. *In*: INGOLD, Tim (ed.). **Key debates in anthropology**. Londres: Routledge, 1996. p. 45-80.
- STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- TAGGART, Tamara *et al.* Social media and HIV: a systematic review of uses of social media in HIV Communication. **Journal of Medical Internet Research**, Toronto, v. 17, n. 11, p. 1-13, 2015. DOI: <https://doi.org/10.2196/jmir.4387>. Disponível em: <https://www.jmir.org/2015/11/e248/>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- UNAIDS BRASIL. **Estatísticas**. Brasília, DF: Unaid Brasil, 2021. Disponível em: <https://unaid.org.br/estatisticas/>. Acesso em: 06 dez. 2021.
- VALLE, Carlos Guilherme Octaviano. Apropriações, conflitos e negociações de gênero, sexualidade e sorologia: etnografando situações e performances no mundo social do HIV/AIDS (Rio de Janeiro). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 651-698, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012008000200009>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27292>. Acesso em: 08 set. 2022.